

Camus – O mito de SísifoⁱJoseph BeuysⁱⁱTraduçãoⁱⁱⁱ: Alexandre Sá¹ e Davi Pereira²

O tema do mito de Sísifo é o do herói absurdo. Esse mito não é narrado como um episódio de mitologia, mas como um mito já sujeito à reflexão. Camus^{iv} nos expõe e relaciona o mito de modo a introduzir sua concepção filosófica do homem.

O tema do mito de Sísifo é o do herói absurdo. Como Camus indica, o herói absurdo existia desde a Antiguidade Clássica. Querendo estabelecer uma ligação entre a consciência antiga e a consciência moderna, ele nos propõe o mito como um símbolo, tal qual era feito na Antiguidade, enquanto incute sua interpretação existencialista e consequentemente, moderna.

A frase seguinte é a ilustração óbvia da interpretação de Camus: "*Não vejo contradição em Sísifo ter sido ladrão de estradas ou sábio*". O herói absurdo de Camus vive sem juízo de valor transmitido pela tradição; sendo assim, ver uma contradição entre o ladrão de estradas e o sábio só poderia vir a ser um juízo de valor burguês.

Ao suprimir os juízos de valores tradicionais, ele introduz aqui um novo valor, o do herói absurdo: o do homem que não tem mais nenhum sistema de valores hereditário.

Na sequência, mostraremos que a outra qualidade do herói absurdo é a inocência. No mito de Sísifo, a culpabilidade só se dá aos olhos dos Deuses^v. Os deuses não apoiam insubordinação, nem poder de decisão, nem qualquer ingerência sobre suas esferas de influência. O reino dos

¹ É artista, curador, crítico de arte e psicanalista. Pós-doutorando em Filosofia pelo PPGF-UFRJ sob supervisão de Rafael Haddock Lobo. Pós-doutor em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense sob supervisão de Tania Rivera. Doutor (2011) e mestre (2006) em Artes Visuais pela Escola de Belas-Artes da UFRJ, tendo sido orientado por Glória Ferreira. É atual diretor e professor do Instituto de Artes da UERJ, além de professor do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) na mesma instituição.

² Artista visual, performer e pesquisador; Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre com estágio Docente em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense (UFF), graduado em Artes Plásticas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);



deuses, construído sobre o medo, deve ser esvaziado de suas forças morais para que o homem deixe de se sentir culpado e não precise mais temer a sanção. Mas isso pressupõe que o homem realmente encarne e encontre a força e os meios conscientes para desprezar os deuses. Então, o problema crucial é posto. Como o homem encontrará a força e a consciência necessárias para levar a cabo essa existência de herói absurdo, e onde reside o absurdo que o habita?

Camus começa por definir o Sísifo antigo como um herói absurdo. Ele possui as qualidades essenciais que lhes são próprias. Então ele ama a vida, odeia a morte e desconsidera os deuses. Este é o condensado que Camus extrai do mito antigo.

No mito antigo, os deuses percebem claramente que têm aqui um homem que arrisca destituí-los de seu poder. É por isso que eles querem infligir-lhe o mais atroz dos castigos. A punição mais cruel lhes parecia ser a de um trabalho inútil. Aqui, Camus introduz seu pensamento e declara: "*Os pensamentos dos deuses eram de certa forma, justificados*", indicando assim que, em termos absolutos, seus pensamentos não eram infalíveis. No caso da sanção, os deuses partiam do pressuposto que o homem só suportaria suas tarefas diárias na esperança de uma vitória, e que, privado dessa esperança, sucumbiria ao desespero. O "desespero" responde à pergunta posta no final do texto: em que consistiria realmente a punição, se a esperança de sucesso lhe desse uma nova força a cada passo? A resposta de Camus é a seguinte: "não ter nenhuma esperança, mas não se desesperar por isso".

Não ter nenhuma esperança e não se desesperar por isso é a outra qualidade do herói absurdo.

Mas viver assim requer uma força que o homem ainda precisa desenvolver.

Os meios pelos quais o ser humano será capaz de superar a esperança e ver o potencial de desesperança que ela contém, são expostos na frase: "*Num espaço que ignora o céu, numa época que ignora a profundidade, Sísifo rola sua pedra*". Ou seja, sem esperança de ver o céu, lugar onde residem os deuses e sem conceber o tempo de forma linear, Sísifo vive inteiramente no momento presente. Toda esperança, incluindo seu potencial de desesperança, é abolida em favor da felicidade presente. Uma vez que é iniciado pela negação do futuro e do passado como temporalidades determinantes; o conceito de destino não é mais possível. A cada instante, Sísifo



modela seu destino para criar sua própria fatalidade. Pois o destino é constantemente definido como sendo uma predestinação resultante do passado ou como um destino futuro.

Assim, a missão essencial do herói absurdo é encontrar felicidade no presente. Camus expressa esse processo pela maneira como descreve Sísifo no trabalho.

A este respeito, reflito antecipadamente e explico por qual razão esta tarefa é tão traumática para Sísifo que conquista a terra e a vida sobre a terra. A vida sobre a terra é absurda porque o homem e o universo enfrentam-se como dois adversários. A última aspiração da alma humana é formar uma unidade com a terra. Mas finalmente, esta última permanece impenetrável à razão humana. É aí que reside o absurdo. Neste caso, a pedra simboliza a impermeabilidade da terra e as exigências que ela coloca ao homem. Mesmo se, em toda parte, a razão debate-se com as paredes, Camus revela que há uma saída para que o homem e a terra se encontrem. Este encontro acontece através do corpo que, sendo igualmente matéria, pertence mais intimamente à terra: *"O pé se refugia no colosso coberto de terra e o braço recobra esse movimento"*. É um ato do corpo, assim como a resposta que o corpo recebe. Desse modo, o encontro psíquico também sobrevém neste encontro físico: *"A bochecha cola-se na pedra"*.

No exato momento da ação, dessa harmonia de corpo e alma, "toda certeza humana" nasce. E mesmo que o destino do ser que vive no absurdo seja difícil de suportar, o homem o ultrapassa e aprende a conhecer a felicidade.

O benefício que Sísifo extrai do seu trabalho é expresso na seguinte frase: *"Um rosto que se desgasta tão perto da pedra já é a própria pedra"*.

Quer dizer que Sísifo pertencerá definitivamente a esta terra ao trabalhar nela. O corpo e a alma podem assim, acessar uma unidade temporária que deve ser reconquistada incessantemente. Sísifo encarna agora o homem propriamente dito; o absurdo, apreendido pelo ato, lhe conferiu sua garantia; ele foi eximido das garras dos deuses.

A partir do momento em que Sísifo desce da montanha para procurar a pedra, ele toma consciência de uma extensão e de outro momento da existência humana que, segundo Camus,



faz dele o herói absurdo: “*Trata-se da hora da consciência*”. Neste momento ele sabe que é senhor de si mesmo e mestre de seu tempo. Ele não aceita mais o trabalho como uma tarefa subserviente para servir aos deuses, mas para servir a si mesmo e daí, extrair sua força. Atravessando outro estágio de consciência, ele se torna seu próprio criador e destitui assim os deuses. É por essa razão que ele “*se tornou mais forte que a pedra*”.

Sísifo é um herói porque é ativo, seguro de si, consciente da sua missão na qual se engaja sem reservas. Mas é também um herói trágico, porque é inocente como o Sísifo antigo, porque sabe dessa inocência apesar de se encarregar do absurdo, ainda.

Sísifo é o "proletário impotente e rebelde dos deuses". Isso significa que deve, obviamente, aceitar o absurdo = a impotência. Entretanto, ele não tem o direito de fazê-lo por obediência servil ao serviço de qualquer mestre ou a princípios exteriores, e se revolta contra todos os valores que são estrangeiros à realização de si próprio.

Assim Sísifo venceu o absurdo e conquistou a felicidade de tornar-se humano ou a felicidade de poder viver a própria vida, e é isso que ele deve ao absurdo.

A forma utilizada por Camus para apresentar o homem absurdo ao incorporá-lo ao mito é contrária aos percursos usuais do pensamento lógico e da escrita poética, porque para Camus a razão não é o meio adequado para ter acesso ao pleno conhecimento. O mundo aparece na forma de imagens que não podem ser interpretadas, “*caso contrário, o universo seria límpido e a arte não existiria*”. Mas nós só percebemos essas imagens pela clarividência. Em Camus, a razão se torna clarividência.

Para Camus, o mito tem um significado anti-psicológico. Sísifo não deve, portanto, ser compreendido como um destino individual que enfrenta dificuldades subjetivas e pessoais, mas deve simbolizar uma possibilidade dada a cada homem.

ⁱ Importante informar e agradecer a indicação deste texto feita por Cecília Cotrim, posteriormente utilizado por Alexandre Sá e Aldo Victorio em uma disciplina eletiva do Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ no semestre de 2019-2 como provocador poético para a realização de trabalhos práticos. Inicialmente traduzido por livre iniciativa de Davi Pereira,



doutorando do programa, resolvemos revê-lo e melhor ajustá-lo para publicação nesta revista. Trata-se de um trabalho coletivo, repleto de afeto, passível de enganos, mas absolutamente urgente, considerando o momento atual do Brasil e do mundo.

ⁱⁱ Palestra proferida na Universidade de Cambridge em 28 de maio de 1983. Texto lido e transcrito por Jessyka Beuys. Traduzido do alemão por Catherine Métais-Bührendt. Publicada no catálogo Joseph Beuys do Museu Nacional de Arte Moderna / Centro Georges Pompidou de 1994.

ⁱⁱⁱ Esta tradução foi feita apenas para fins acadêmicos e não-comerciais.

^{iv} Beuys faz referência ao texto de Albert Camus sobre Sísifo que pode ser encontrado no livro publicado pela Editora Gallimard em 1942 com o título: *Le Mythe de Sisyphe*. Traduzido para o português por Ari Roitman e Paulina Watch pela Editora Record.

^v Resolvemos manter aqui, conforme publicado, a diferenciação entre Deuses e deuses.

